

MÍMESIS E EDUCAÇÃO EM CHRISTOPHE WULF: UMA DISCUSSÃO SOBRE POSSIBILIDADES DE ABORDAGEM DO OUTRO NA FORMAÇÃO HUMANA

Sidney Reinaldo da Silva †

Christophe Wulf mostra que a Antropologia da Educação tem na concepção de *mímesis* uma perspectiva de investigação muito frutífera. Para o referido autor, trata-se de focalizar na abordagem mimética as possibilidades interculturais do processo formativo, sobretudo para se pensar uma educação em que se evita tradução e transformação violenta do outro. Wulf, ao abordar a formação humana a partir da *mímesis*, a concebe não como mera imitação, mas como um processo de constituição intersubjetiva do eu nas práticas sociais. Mostro o modo pelo qual a *mímesis*, como uma forma de abordagem do outro, torna-se eixo para se pensar a ética, as formas de reconhecimento e de negação do outro e o modo como isso ocorre na educação. Aponto como a abordagem mimética pode ser uma forma de se resguardar o outro, preservá-lo, evitando reduzi-lo ao eu, isto é, dominá-lo e destruí-lo. Assim, a *mímesis* é apresentada como uma imitação criativa do outro em que prevalece o respeito à diferença.

Para Wulf (2004), no processo de formação humana (*Bildung*), a imaginação constitui-se num trabalho interno da imagem (*Bild*), num metabolismo em que “o mundo exterior é transformado em mundo interior”. Contudo, o metabolismo imagético não precisa significar a incorporação violenta do outro, e pode apontar para uma forma de interiorizá-lo preservando-o em sua alteridade.

A abordagem da antropologia feita por Wulf articula dimensões filosóficas, culturais e históricas. Em seu estudo sobre a *mímesis*, essas dimensões se articulam. É perante o processo de abordagem mimética que o desenvolvimento humano passa a ser investigado.

† Professor do Mestrado em Educação da UTP

Mimesis e Educação em Chistophe Wulf... Sidney Reinaldo da Silva

A formação moral, na perspectiva antropológica de Wulf (2004, 2005a), se dá com transmissão e aprendizagem de uma herança intangível, que se mostra nas práticas sociais (performances culturais). O caráter performativo da ação humana depende da dinâmica espaço-temporal, segundo a qual se efetuam transformações a partir de mudanças e trocas coletivas. A herança cultural é intangível na medida em que se dá não como produto ou monumento constituído em material cultural durável, mas como atividade corporal, pois é performance (2004). O corpo humano se apresenta como um *medium*, pois seu caráter performativo torna possível a efetivação da herança intangível em práticas sociais:

Whereas the monuments of architecture can be precisely identified and easily protected, the intangible cultural heritage is much more difficult to be identified, transmitted and safeguarded. Whereas the architectural monuments of cultural heritage are made out of durable materials, the pieces of cultural heritage are immaterial and not durable. Whereas the architectural monuments are material cultural objects, the "products", elements and dimensions of intangible cultural heritage have as medium the human body. This is the case of a) oral traditions and expressions including language as a vehicle of this heritage, b) performing arts, c) social practices, rituals and festive events, d) knowledge and practices about nature and the universe, e) traditional craftsmanship. If we want to understand the particular character of intangible cultural heritage we have to relate its practices to their body related character. (2005a)

A formação humana se dá com a transmissão e aprendizado da herança performativa intangível. Perante isso, a *mimesis* se apresenta como fator formativo fundamental, na medida em que ela se expressa em rituais que permitem a continuação e a mudança

Mimesis e Educação em Christophe Wulf... Sidney Reinaldo da Silva cultural. A *mimesis* é correlata do corpo como *medium* da herança intangível, pois com ele se dá a performance em que se articula tradição com necessidades presentes e demandas futuras. Trata-se de um processo de continuação e transformação da cultura intangível. O processo mimético transforma o mundo da herança cultural intangível em mundo humano interno.

A aprendizagem mimética, sendo baseada no corpo, é sensível. Com ela, se adquire, de forma inconsciente, imagens, esquemas e movimentos. Trata-se de um saber prático que faculta a performance em instituições sociais. Com o saber ritual, as instituições se inscrevem nos corpos.

Ein wichtiger Bereich dieses praktischen sozialen Wissens stellt das rituelle Wissen dar, mit dessen Hilfe sich Institutionen in den Körpern der Menschen verankern und mit dessen Hilfe es möglich ist, sich in sozialen Zusammenhängen zu orientieren. In mimetischen Prozessen werden hier Bilder, Schemata, Bewegungen gelernt, die den Einzelnen handlungsfähig machen. (WULF, 2005b)

As capacidades miméticas tornam possível a aprendizagem da cultura e seus valores. Em sua obra *Antropologia da educação*, Wulf (2004) não oferece diretamente uma definição filosófica da *mimesis* ou da educação, compreendida como constituição de imaginários. Ele visa discutir a formação humana a partir de uma problemática antropológica, enfocando diferentes perspectivas do processo mimético. O teor filosófico de sua obra mostra-se, sobretudo, no diálogo mantido com a história da filosofia. Assim são retomados autores como Platão, Aristóteles, Rousseau, Schleiermacher, Adorno e Levinas. Especial destaque é dado a Walter Benjamin com sua autobiografia *Berliner Kindheit em 1900*, quando Wulf discute a *mimesis* como processo formativo. Com esta obra compreende-se a forma como o pensamento da criança, em sua plasticidade e abertura, determina-se pelas primeiras impressões que, mais tarde, moldarão suas percepção das coisas.

Wulf (2004) preocupa-se com a intersubjetividade do processo mimético e sua correlação com a violência, ou seja, com a forma de abordagem do outro em que se procura reduzi-lo e destruí-lo. Frente a isso, ele propõe a abordagem mimética como base para uma educação intercultural em que uma forma de abordagem não reducionista pode se constituir. Perante sentimentos de medo e sensações correlacionadas com o perigo, o ser humano busca tornar as coisas familiares ou destruí-las. Contudo, esse processo contraditório constitutivo da relação do "eu" com o "outro" mostra que nem sempre a familiaridade significa a redução do desconhecido e que o combate ao outro significa muitas vezes o combate ao estranho em si mesmo. Wulf destaca que a violência se dirige contra o outro muitas vezes por que sua diferença tornou-se insuportável. O outro é rejeitado na medida em que ele coloca em questão "nossa própria pessoa e a torna relativa". Ao sermos educados, incorporamos valores que se tornam referências constitutivas da identidade de cada um. Perante o outro, isto é, aquele cuja identidade é constituída por valores diferentes e muitas vezes contrários aos que estão na base da compreensão do que somos, tendemos a nos protegemos, de modo que isso nos leva a negar ou reduzir o outro ao que nos é familiar.

Ao invés de negar o outro como processo de auto-afirmação baseada na tirania da autoreferencialidade, o autor retoma que a experiência do outro é indispensável para a formação humana num mundo em que, supostamente, as fronteiras culturais e geográficas se tornam cada vez mais permeáveis. Ele aponta para a inelutabilidade do outro nos tempos de globalização. Nesse sentido, a abordagem mimética do outro se torna chave para se compreender uma forma de educação com aberturas referenciais, em que se aprende a conviver com o outro sem reduzi-lo. Essa seria a base para uma educação inter e transcultural. O autor mostra que isto é possível na medida em que a *mimesis* é compreendida também como uma atividade construtiva que tem sido o mais antigo e universal processo da organização de grupos, possibilitado pela representação e a comunicação social.

Wulf (2004), em seu diálogo com a história da filosofia, recorda que para Platão as imagens enquanto modelos “ajudam” a faculdade mimética, o que se torna decisivo no processo de educação. Tem-se, sobretudo, que durante a infância e a adolescência, a *mimesis* operara com tal força que não se poderia resistir a ela. Daí a necessidade de se utilizar estrategicamente, na educação, as imagens dignas de serem imitadas e excluir aquelas que pudessem corromper os jovens. Wulf destaca também que Aristóteles, contrapondo-se ao seu mestre, reconhece que o importante é, por meio de uma exposição controlada das imagens indesejáveis, preparar os seres humanos para resistência a elas. Esse artigo debate a respeito das possibilidades formativas dos processos miméticos, visto que ainda é atual na medida em que a violência na mídia torna-se cada vez mais presente na formação das crianças e jovens.

Wulf chama atenção para o fascínio que a violência exerce sobre o ser humano. Filmes de guerra e de catástrofe atestam esse fato. É espantoso que mesmo com o horror suscitados pelos atos de crueldade arbitrária, esse tipo de cena exerce, ao mesmo tempo, forte atração e repulsão. O que dificultaria a compreensão da violência seria o fato de ela não ser essencialmente diferente de outras energias humanas. A violência se caracteriza pela “transformação de energias sem formas em situações e constelações precisas” a serviço da redução ou destruição do outro. Tal é o caso, por exemplo, da violência dos colonizadores espanhóis perante a estranheza do índio na América (2004, pp. 168 e segs.). A violência está vinculada ao processo mimético de controle das forças aprendizagens que parecem estranhas e ameaçadoras, fato ligado aos mais diversos aspectos da aprendizagem humana inerentes à própria homogeneidade.

Wulf (2004) resgata a perspectiva de W. Humboldt para estudar os processos educativos como interação mimética. Assim, a *mimesis* não significa apenas “imitação”, mas também “representação” e “expressão”, elementos presentes nos mais diversos domínios da vida humana, seja do pensamento, da palavra ou o da ação. A ca-

Mimesis e Educação em Chistophe Wulf... Sidney Reinaldo da Silva

pacidade mimética é condição indispensável da “relação de nosso eu com o mundo”, pois, graças a ela, os seres humanos ampliam seu horizonte, numa abertura para o mundo exterior. Mas trata-se de uma assimilação ligada a uma energia que se dirige para o exterior. Com isso, a “formação do exterior é ao mesmo tempo uma formação interior”: ao se assimilar ao que lhe é exterior, o ser humano “apropria-se do que lhe é estranho”, incorporando-o ao seu mundo interior (de imagens e representações), sem o que o mundo exterior não poderia se tornar mundo interior. Destaca-se que com esse processo, há um enriquecimento pessoal, quando o que antes era estranho ao indivíduo “torna-se uma parte de seu espaço interior”. Sendo assim, “o homem descobre o mundo, e o mundo o descobre. Esse processo de assimilação (de se assemelhar) dirige a educação do indivíduo”. (2004, p. 58)

Ainda segundo a perspectiva de W. Humboldt, Wulf destaca que a *mimesis* possibilita a distinção entre mundo exterior e interior num processo variado de formação humana. Constituídos a partir das energias internas, os processos miméticos se dão de diversas formas e geram resultados heterogêneos.

Os processos miméticos visam o desconhecido, transformando-o, através da nova experiência, em algo conhecido. No processo mimético, ocorre uma coincidência entre uma aproximação ativa do mundo e uma integração passiva do mesmo no interior do indivíduo. A receptividade, que garante a semelhança entre os indivíduos, enquanto a atividade é responsável pela diferença entre eles. O mimetismo não é simples imitação, mas produz também algo de novo. (WULF, 2004, p. 57)

Os processos miméticos são abertos perante o futuro, o que dá a educação um caráter incerto e infinito. O processo ativo da *mimesis* se dá com seu sentido de “*Ahmung*” ou “*Vor-ahmung*”, termos que Wulf retoma de Ziegler. Tem-se que os gestos e as fórmulas “gesticuladas” pelo homem primitivo buscam a compreensão

Mimesis e Educação em Christophe Wulf... Sidney Reinaldo da Silva das forças sobrenaturais para obter benefícios delas. Na magia, o homem mantém uma relação mimética ativa com a natureza. Esta é incitada a imitar as próprias representações humanas.

Contudo, retomado os estudos de Horkheimer e Adorno em especial *A dialética do Iluminismo*, Wulf (2004) lembra que a *mimesis*, a princípio, leva o homem mais a perder-se em seu ambiente do que a se impor nele, num processo em que se assimila a "alguma coisa que está morta", ocorrendo enrijecimento e entorpecimento de si mesmo, fato inseparável dos instintos de conservação. Mas na ambigüidade dos processos miméticos, a *mimesis* é portadora de esperanças morais emancipadoras. Graças a ela, pode se esperar também a superação da alienação e da reificação, ainda que ela se forme antes da separação dos atos em morais e imorais. A *mimesis*, sendo processo que se dá nas interações sociais, permite ao homem imitar a si mesmo, indo além da mera possibilidade de se perder no mundo dos objetos. Frente a isso, é mantida a esperança de reconciliação do indivíduo consigo mesmo, com os outros e com o mundo.

A partir desse diálogo com a história da filosofia, Wulf (2004) propõe que a educação, frente à abertura da *mimesis*, possibilita "uma reviravolta do movimento para o outro". Não se trata mais de ter acesso ao outro como forma de compreendê-lo para familiarizá-lo e dominá-lo, mas como forma de abordá-lo "a partir de seu caráter incompreensível e de fazer disso o ponto de partida da relação com ele". Trata-se de renunciar interpretar o outro e lhe atribuir um sentido reduzindo "o que é diferente nele ao que já é familiar ao eu". A compreensão e a imitação da aparência e da expressão do outro "sem abordá-lo com algo de fora, sem traduzi-lo e sem transformá-lo" exige a superação da lógica bipolar de acesso ao outro. Dessa forma, o que é incompatível permanece incompatível, sem o que não se pode ter um acesso não reificado ao outro, uma abordagem "não descobrindo o outro", ou seja, sem instaurar um poder sobre ele, sem incorrer na violência.

O autor retoma a concepção de *entre dois*, formulada por Levinas, como base para se pensar o encontro com o outro. Não se trata de fixar e incorporar o outro, mas de conservar a ambivalência em sua abordagem, tomando-o ao mesmo tempo como estranho e conhecido. Nessa ambivalência do encontro com o outro, a aproximação mimética tende a ser enriquecida. Quando ela dá certo, o outro é ocasião de aprendizagem intercultural. Contudo, ela pode fracassar e levar a destruição de ambos, pois quando prevalece a violência, tanto o eu como o outro se perdem, pois nesse caso, a diferença tornou-se insuportável.

Destaco, agora, as principais perspectivas da formação humana pensada por Wulf a partir da *mimesis* (2004, pp. 98 e segs.):

- Diferentemente da imitação e da simulação, a noção de *mimesis* remete a um mundo exterior do qual o indivíduo se aproxima e ao qual ele é assimilado ao mesmo tempo em que se mantém diferente dele. O mundo exterior, para o qual a criança e o adolescente tendem, pode ser um outro ser humano, uma parte do ambiente ou o mundo imaginário. O exterior transformando-se graças aos sentidos e à imaginação em imagens interiores.
- Os processos miméticos são atividades ligadas à corporeidade da criança. Eles começam a ocorrer bem cedo. Ocorrendo antes da separação entre o eu e o tu e entre o sujeito e o objeto, eles contribuem em grande parte para com a gênese psíquica, social e pessoal da criança. O impacto deles é muito forte, pois estão ligados aos primeiros processos da constituição corporal.
- Antes da formação do pensamento e da linguagem, a criança vive o mundo, o outro e si mesma já de forma mimética. Sua capacidade mimética depende dos seus diferentes sentidos. É, sobretudo, na aprendizagem das capacidades motoras, assim como na aquisição da linguagem, que o dom mimético desempenha um papel fundamental. Durante toda a primeira infância, a *mimesis* constitui a própria forma de vida da criança.
- Os processos miméticos despertam o desenvolvimento do desejo sexual. A identidade sexual do indivíduo se forma ao mesmo

tempo em que ele reconhece sua própria diferença sexual.

- Os processos miméticos mantêm o caráter policêntrico do ser humano. Eles se estendem até as esferas da natureza corporal, da sensualidade e do desejo em que outras forças diversas as da consciência dominam, tais como a agressividade, a violência e a destruição. Essas forças são igualmente despertadas por processos miméticos. Eles agem particularmente quando um grupo de pessoas se reúne. O indivíduo transfere sua responsabilidade ao grupo. O grupo torna-se capaz então de cometer atos destruidores que um único indivíduo não poderia jamais cometer.
- Na família, na escola e na empresa, as crianças, os adolescentes e os adultos interiorizam por meio dos processos miméticos valores, opiniões e normas simbolizadas por essas instituições. O debate em torno do currículo oculto, por exemplo, mostrou que os valores realmente transmitidos pela escola podem estar em contradição com a idéia que a instituição de ensino faz de si mesma. Entretanto, ao se analisar e criticar a instituição, aconselhando-a e mudando-a, pode-se fazer com que ela tome consciência dessas contradições e passe a apresentar soluções para elas.
- O mesmo ocorre com o efeito produzido pelo educador sobre seus alunos. A *mimesis* é neste caso muito mais decisiva do que comumente se pensa. Ocorre um desacordo entre a imagem que o educador faz de si mesmo e o efeito que de fato ele produz. A personalidade do educador exerce uma forte influência sobre os alunos. Eles imitam, sobretudo, a forma pela qual o professor como indivíduo sente as coisas, pensa e julga. É difícil de saber se o aluno assimila o modo de ser do professor ou o rejeita, ainda mais que o mesmo comportamento de um professor pode ser interpretado diferentemente segundo o período atravessado pelo aluno.
- Os objetos, as instituições, os personagens imaginários e os atos práticos fazem parte da sociedade, da qual os valores são também transmitidos por assimilação. A experiência desses valores é feita nas atividades miméticas, mas sem que eles

sejam compreendidos. Para se compreender o que foi vivido por mimesis é necessário analisar e refletir. O indivíduo pode então manter um juízo conveniente. Os processos miméticos possibilitam uma experiência viva. Para fazer essa experiência, é necessário analisar e refletir.

- Os processos miméticos são ambivalentes; um impulso para a assimilação lhes é inerente, independente do valor do mundo que se apresenta. A criança pode assimilar qualquer coisa fixada e sem vida. Sua evolução interior torna-se então bloqueada. A mimeses se transforma então em simulação e mimetismo. Mas ela pode também representar um enriquecimento para a criança, na medida em que ela apresenta um caminho para o mundo exterior. O que caracteriza a “aproximação mimética” com o exterior é que ela ocorre sem violência. O objetivo da atividade mimética não é o de organizar o mundo ou mudá-lo. Para o ser humano, trata-se, antes de tudo, de se formar em confronto com o mundo.
- Perante o processo mimético, pode ocorrer a aproximação com um outro ser humano de modo não instrumental. O movimento mimético deixa o outro tal qual ele é, não tenta mudá-lo. Ele permanece aberto ao que é diferente porque ele o aceita; aproxima-se dele, mas sem exigir que as diferenças sejam suprimidas. O impulso mimético aceita o não-idêntico do outro; ele abre mão da univocidade em favor da diferença, pois a univocidade só é possível com a redução do outro ao que já se conhece. Ao renunciar à univocidade, a experiência mimética assegura-se de estar sendo enriquecedora.
- No movimento mimético, o indivíduo, fechado num mundo produzido por símbolos, interpreta uma realidade que já foi interpretada. O mesmo ocorre com a repetição e a simples reprodução. Assim, um gesto, realizado várias vezes, faz nascer sentido novos em cada uma de suas manifestações. Ele isola um objeto ou acontecimento de seu contexto habitual e cria assim uma nova perspectiva de recepção. A separação e a

mudança de perspectiva são processos estéticos que se ligam aonexo estreito que existe entre *mimesis* e estética. Entende-se por reinterpretarão mimética uma nova maneira de ver as coisas, um “ver enquanto como” - *sehen-als*. O ato mimético implica a intenção de mostrar o mundo criado por símbolos, de modo que se possa vê-lo de uma certa maneira.

A obra de Wulf torna-se também um referencial teórico para as políticas educacionais da UNESCO, juntamente com as concepções de Edgar Morin e Jacques Delors. São pensadores que têm sido tomados como referenciais pelos educadores de diversas partes do mundo para se pensar a formação humana na era da globalização. Sendo assim, tal como os demais autores assumidos pela UNESCO, Wulf pressupõe a possibilidade de uma cultura da paz e do entendimento humano, num mundo cujas fronteiras geográficas e culturais se tornam cada vez mais instáveis, ocorrendo ora abertura ora fechamento. Sua obra tem sido importante para a reconstrução de uma Europa unificada e respeitosa da diferença, sobretudo quando se pensa a pesquisa e a educação interculturais como base para uma integração cuja referência seja o respeito mútuo. Contudo, cabe a ela também certas críticas que têm sido feitas ao ideário educacional da UNESCO. Na concepção desta agência mundial para a educação e cultura, trata-se, é claro, não mais de uma utopia totalitária de formação baseada na imposição de um projeto único de civilização, tal como ocorreu com a modernidade, mas de um sonho ingênuo fundado num otimismo pedagógico da educação intercultural, em que se leva em conta o reconhecimento e a preservação das diferenças entre comunidades e nações, sem tomar como necessário o combate e ou a supressão da desigualdade econômica como foco da luta pela emancipação, devido aos riscos inerentes à intolerância (ético-política) que esse tipo de enfrentamento necessariamente porta. De qualquer modo, a obra de Wulf torna-se uma base para se investigar a educação como transmissão de uma herança intangível e para se compreender como tais práticas

Mimesis e Educação em Chistophe Wulf... Sidney Reinaldo da Silva são marcadas pela redução do outro. Isso se torna indispensável para se pensar formas de intervenção no âmbito da política e da gestão da educação, mesmo quando se discorda dos pressupostos ético-políticos com os quais tal obra estaria comprometida.

Frente às exigências ético-políticas da "irreducibilidade" do outro, a concepção liberal da gestão da educação, baseada no individualismo e na racionalidade estratégica inerente ao *trade off* torna-se inaceitável, na medida em que o outro é visto apenas como ocasião para se obter vantagens, onde as parcerias são estabelecidas e duram apenas enquanto oferecem vantagens, não necessariamente mútuas, mas sobretudo para a parte mais forte, com maior poder de barganha, de chantagem e de imposição de condições das negociações. As razões para se preservar o outro são utilitárias e este só será respeitado na condição de cliente, ou seja, como parceiros de contratos e convênios.

Uma importante crítica ao contratualismo foi feita por Levinas (1993), sobretudo em relação à forma como o contrato limitaria a democracia ao negar sua dimensão "ética", e ressaltar apenas a dimensão instrumental da relação entre indivíduos, de tal modo que o rosto de outrem perde sua inexplicável exigência de responsabilidade pelo outro, que não advém de nenhum acordo prévio, de nenhum consentimento ou pacto livremente estabelecido. A exigência ética da solidariedade por outrem exige uma responsabilidade ainda que não solicitada pelo outro, independente de negociação e contrato. Neste não há a responsabilidade para com terceiros e, sobretudo, trata-se de um compromisso assumido apenas em relação ao que fica estabelecido em suas cláusulas. São vínculos mecânicos entre indivíduos supostamente racionais, livres e iguais. Nesse sentido, a idéia mesmo de contrato não seria adequada para se pensar a democracia enquanto formação de uma comunidade ética.

O outro, compreendido e respeitado em sua singularidade, como rosto que se diferencia e se mostra como único em sua susceptibilidade a toda espécie de agressão e destruição, sempre partilha de

Mimesis e Educação em Christophe Wulf... Sidney Reinaldo da Silva
um mesmo direito à diferença direito que nos interpela a reconstruir uma base comum para se pensar a humanidade. Essa base comum nos apela para a superação de uma diferença que pode tornar-se indiferença, mera tolerância liberal, apregoada no lema “viva e deixe viver”. Nesse sentido, as obras de Wulf e de Levinas são compreensíveis como contribuições para uma educação comprometida com a emancipação humana, proporcionando oportunidades para os que defendem o legado moderno repensarem suas concepções. Tais autores denunciam formas errôneas do iluminismo em relação ao que vem ser a humanidade e a formação dos indivíduos, mostrando, respectivamente, como a utopia educacional e o individualismo do projeto de civilização moderno estão na base da dominação e da violência tão características de nossas sociedades.

Mas a emancipação humana passa em primeiro lugar pelo combate à exploração ente seres humanos. Assim, a luta pelo reconhecimento da diferença torna-se estéril, do ponto de vista da emancipação, quando não afronta os mecanismos de exploração inerentes a lógica do capitalismo. Isso exige uma crítica constante para que as possibilidades de emancipação humana não percam o seu eixo que é o combate a uma economia perversa, cuja base é a cooptação de trabalhadores altamente qualificados, a exploração e o desemprego¹.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EAGLETON, Terry. *As ilusões do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LEVINAS, Emmanuel. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 1993.

¹ Isso tem propiciado o restabelecimento de críticas marxistas que combatem a forma como os pós-modernos têm feito uma revolução conservadora ao centrar a discussão na questão das diferenças. Tal é o caso de Eagleton (1998) para quem as diferenças podem restringir a discussão em torno da emancipação, na medida em que não leva em conta que ninguém “tem um tipo de pigmentação da pele porque outra pessoa tem outra, nem é homem porque alguém mais é mulher, mas certas pessoas só são trabalhadores sem terra porque outros são senhores fazendeiros. (p. 63)

Mimesis e Educação em Christophe Wulf... Sidney Reinaldo da Silva

WULF, Christophe. *Antropologia da Educação*. Campinas: Alínea, 2004.

WULF, Christophe. *Crucial Points in' the transmission and Learning of Intangible Heritage*. Disponível em: <http://www.unesco.ru/files/docs/clt/kazan/wulf-expert-en.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2005a.

WULF, Christophe. *Mimetisches Lernen*. Disponível em: <http://www.mondialisations.org/php/public/art.php?id=13539&lan=DE>. Acesso em: 18 abril. 2005b

Recebido em 10/9/2007

Aceito em 3/10/2007